

MEMORIA  
DE  
MOUSINHO DA SILVEIRA

AVADO

39

L.

RESERVADO

339

B. N. L.





400

Reservoirs



# MEMORIA HISTORICA

DE

J. XAVIER MOUSINHO DA SILVEIRA

POR

J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

Intentou egualar a republica e dar-lhe  
complemento : tinha-o pela mais bella  
coisa , e o era.

PLUTARC. AGIS.



*B. 32.597*

---

LISBOA

NA IMPRESSÃO DA EPOCHA ,  
Rua dos Calafates n.º 28.

1849.

MEMORIAL OF THE

COMMISSIONERS OF THE

LAND OFFICE

IN RESPONSE TO A RESOLUTION

OF THE HOUSE OF REPRESENTATIVES

PASSED MARCH 10, 1850



WASHINGTON: G. P. PUTNAM'S SONS, 1850.



## MEMORIA HISTORICA.

José Xavier Mousinho da Silveira, da herdade da Silveira, do conselho do Sr. rei D. João VI, seu ministro da fazenda; depois secretario d'Estado da mesma repartição e da justiça, de S. M. I. o Duque regente D. Pedro durante a expedição dos Açores e no cerco do Porto, deputado em côrtes em 1834 e 1840; nasceu em Castello-de-Vide no Alemtejo em 12 de Julho de 1780, morreu em Lisboa em 4 d'Abril de 1849.

Mandou por testamento que o seu corpo tivesse jazigo na ilha do Corvo nos Açores.

N'estas palavras simples, escriptas sem nenhum aparato em um papel destinado a viver um dia — mas que Portugal e a sua historia devem gravar n'aquellas tâbuas perpétuas que sobrevivem ás mesmas nações, está ditta em seus principaes capitulos a existencia toda de um homem distincto, e que decerto foi muito superior a esses improvisados *grandes homens* vulgares de que a nossa epoca abunda.

Ja que, n'este babel em que vivemos, tudo passa inappercebido no meio da confusão de todo o pensar e sentir; ja que ésta é a terra classica da ingratição, regada pelo Lethes do Desmazello e do Não-se-me-dá da mais estupenda caducidade em que póde cair um povo — quero eu pôr sôbre a sepultura d'este bom patriota um *memento* ao menos, dos que em tantas sepulturas tenho posto, para que no dia em que os nobres sentimentos acordarem em Portugal, não succeda procurar-se onde jaz — e não o saber ja ninguem.

Menos feliz do que o pobre puritano escocez de W. Scott, que andava avivando as inscrições oblitteradas dos seus martyres, eu apenas posso ir pondo éstas cruces de madeira tosca nas mal-assinaladas covas dos bons portuguezes que nos vão deixando. E devo de ser mais ridiculo personagem: o caso é para isso, e o paiz tambem.

Demais que nem fanatico sou: conheço os erros, discordo em doutrinas d'aquelles mesmos cuja memoria venero e a desejo ver acatada, não como proselyto ou correligionario que seja, mas como portuguez a quem doe o culposo descuido dos seus.

Seja qual for o juizo que d'elles se forme, e o sentimento com que se considerem os muito notaveis actos da vida pública de certos homens superiores, não é possivel deixar de reconhecer n'elles essa superioridade que lhes fez crear uma epocha transformando a sociedade, e determinando, na vida de um povo, crises graves, d'onde lhe começa nova existencia.

Mousinho da Silveira foi um d'estes homens. Primogenito de uma familia considerada na sua provincia, herdeiro de um vinculo de alguma importancia, dedicou-se ás lettras e seguiu a vida da magistratura. Depois de fazer os logares de juiz-de-fóra de Marvão (1) e de Setubal (2), onde seus ditos agudos e

---

(1) Nom. 1808.

(2) Nom. 1813.



originaes são ainda lembrados, achava-se no anno de 1820 provedor em Portalegre (3).

A reputação de intelligencia e probidade que adquiriu no exercicio d'estes cargos, sua instrucção não vulgar, e a conhecida adhesão aos principios da reforma proclamada pela revolução d'aquelle anno, lhe alcançaram muito grande consideração no partido que então regia os negocios publicos, e de cujos membros mais influentes era, além d'isso, amigo pessoal e íntimo.

Para logo foi chamado á capital, e lhe confiaram o importante lugar de administrador geral da alfandega de Lisboa, onde então se requeria um homem de lei, magistrado experiente e consummado, que soubesse e desejasse julgar com acêrto nas contínuas e difficeis pendencias que alli se movem, e que não é para homem leigo, por muito habil e zeloso que seja, decidir sem inconveniente. Juiz entre os interêsses do fisco e os dos particulares, fomentador, não vexador do commercio, o chefe d'aquelle vasto estabelecimento não póde ser um mero collecter de tributos, um publicano: é tambem um magistrado protector do commercio, da navegação e da indústria nacional.

Assim intendia, e assim exercia Mousinho o seu cargo: e nada perdeu o fisco, antes ganhou immensamente com a sua liberal administração, que fez render mais a alfandega de Lisboa do que ha muitos annos não produzia:

Absorvido por éstas graves occupações, não tomou parte nas contendas politicas em que tudo então fervia; antes, seu espirito recto e eminentemente pratico, naturalmente fugia d'aquellas supremas questões de theoria, d'aquellas luctas dogmaticas em que a revolução se gastava, tripudiando, para assim dizer, em tórno da árvore dos preconceitos e dos abusos, que medrava e robustecia mais com esses tripudios, em

---

(3) Nom. 1817.

quanto — segundo elle — era mister tomar, de ambas as mãos, o machado de reforma, decepar e extirpar.

Fôsse essa a causa ou fôssem outras com ella, os primeiros mezes do anno de 23 viram ir-se fundindo a revolução, evaporado seu calor sem nenhum effeito, e a contra-revolução levantando audazmente a cabeça por toda a parte.

Pelos fins de Maio, as côrtes pediram directamente a el-rei a demissão do ministerio, e se improvisou novo gabinete, no qual deram a Mousinho a pasta da fazenda (4). Recusou a nomeção: mas el-rei não quiz acceitar escusas, e terminantemente lhe ordenou que entrasse no exercicio de seu novo cargo.

Poucos dias, e quasi se pôde dizer, poucas horas, durou aquelle gabinete, assim como a revolução que o produzira em suas últimas agonias.

A rebellião do regimento 23 de infantaria, a conspiração e a fuga do infante foram em breve imitadas pelos outros corpos da guarnição de Lisboa, e em fim pelo mesmo rei; a quem todavia, ja não restava mais opção do que entre seguir e sancionar a revolta ou ser desthronado por ella.

Todos os outros ministros abandonaram os seus postos e as suas pastas com a ausencia d'el-rei: Mousinho intendeu que a natureza especial do ministerio que lhe fôra confiado não permittia que elle fizesse outro tanto.

Permanecer de guarda ao thesouro público, velar porque a anarchia não desbaratasse tudo n'uma capital deixada sem govêrno — pareceu-lhe que era seu principal dever. No tremendo impulso de furor com que vinha a reacção, o acto foi certamente audaz.

Muitos mui variadamente teem julgado da resolução do ministro constitucional que ousava sobre-viver á constituição. Como simples escrivão n'este processo,

---

(4) Nom. 28 de Maio de 1832.



eu narro os factos; e juntando os principaes documentos, faço tudo concluso á opinião que deve julgar.

Tenho deante de mim a representação original do ministro a el-rei, e a resposta d'este, escripta á margem do proprio punho do monarcha, registado tudo na secretaria — segundos os antigos stylos de chancellaria que ainda então se usavam.

O documento pertence á historia; vou transcrevê-lo por inteiro.

### *Representação.*

Senhor, V. M. foi servido ordenar-me que accettasse o imprêgo importante de ministro e secretario d'Estado dos negocios da fazenda, e foram baldadas minhas súplicas, e meus motivos de escusa. V. M. ordenou, e eu obedeci como devia.

Collocado n'esta situação, não me atrevo a largar meu posto sem receio de desagradar a V. M., e de accelerar os horrores da anarchia, e vou presistindo n'elle apesar do risco de minha vida.

Como não posso mandar coisa alguma, senão em nome de V. M., me limito a vigiar sôbre a segurança e tranquillidade dos habitantes d'esta bella cidade: e fique V. M. na certeza de que nenhuma quantia sahirá do thesouro por ordem assignada por mim, ainda que a minha obrigação me exponha a perder a existencia, salvo unicamente alguma indispensavel para a conservação do todo, e da tranquillidade pública.

Não cuide V. M. por isso que eu pretenda affiançar a segurança da cidade, ou a conservação dos fundos publicos; pelo contrário julgo tudo arriscado se tardarem as providencias do Throno. V. M. mandará o que for servido. — Lisboa 31 de Maio de 1823. — José Xavier Mousinho da Silveira.

*Resposta á margem , do proprio punho d'El-Rei.*

Pela proclamação, que remetto, e que o Mou-sinho fará ja publicar, verá os principios que tenho adoptado; e para executar as minhas ordens, virá pessoalmente recebê-las de mim.

R.

Paço de Villa-Franca em 31 de Maio de 1823.  
Registado a folhas 80 do Livro 7.º de decretos.

Partiu em obediencia a éstas ordens; e cordealmente foi recebido do bom rei, que o trattou sempre com a mais distincta benevolencia.

« Senhor » disse o ministro ao monarcha logo nas primeiras palavras — « V. M. não tem que escolher « senão entre dois caminhos, ambos extremos e ambos « perigosos. Ou Tito ou Nero. » — Ja escolhi: respondeu o rei « quero ser Tito. » E é sem dúvida que o ânimo bondoso e indulgente d'aquelle infeliz principe sympathssava com os que se atreviam a confortá-lo em sua natural disposição. *Atrever-se* é a palavra exacta: porque nos tempos odiosos e odientos de uma reacção é preciso grande audacia para fallar em generosidade e indulgencia.

Porque são tam vingativos os covardes? Porque são tam zelosos e justiceiros os indignos? A resposta é facil: e todos os dias nol'a estão dando os factos.

Não era possivel que o partido violento e exacerbado da reacção tolerasse muito tempo no gabinete um homem cujos principios tam conhecidos eram, e que timbrava de fallar verdade ao monarcha infelicissimo cuja coroa e cuja cabeça estavam proscriptas nos conciliabulos da facção absolutista.

Accusado a el-rei de *pedreiro-livre* pelo ministro da justiça Marinho — confessou francamente que tinha pertencido a essa associação; mas sustentou que ella era innocente, e assegurou a el-rei que, sob essa côr



e pretexto, os facciosos do dia o queriam privar de seus mais seguros amigos. Bem o conhecia o pobre do rei : mas que valia conhecê-lo? Elle nunca fôra menos rei, nem tivera menos auctoridade do que desde que lh'a pretendiam sustentar tam absoluta.

Mousinho pediu a sua demissão, que promptamente lhe foi dada, mas com todas as considerações de fórma e de benevolencia com que o bom rei quiz distinguir o ministro de que o privavam. O decreto por que foi acceita a demissão é de 19 de Junho de 1823, que o manda voltar ao imprêgo de administrador geral da alfandega e lhe conserva as honras de ministro : distincção que n'aquelle tempo não era ainda bannal e de tarifa.

Por esta mesma occasião lhe foi dado o titulo de conselheiro : notavel atrazo na civilisação d'aquella epoca! No quarto de seculo ora decorrido temos andado um millenio! Pois então ainda passaram dois annos mais para lhe concederem o sôro de fidalgo-cavalleiro, que tem no alvará a data de 8 de Agosto de 1825.

Parecerá incrível a qualquer dos nossos caixeiros da Baixa — e da Alta tambem : pois é verdade; Mousinho da Silveira morreu sem nenhuma outra distincção. E é certo que as não desprezava por principios, nem se tinha em tanto que por demazia de orgulho as não quizesse.

A sua despedida d'el-rei no acto da sahida do ministerio merece commemorar-se: e não posso fazê-lo melhor do que transcrevendo aqui um apontamento authographo do mesmo ministro em que a descreve n'aquella phrase tam sôlta e original que era o seu stylo caracteristico.

#### *Memorandum.*

No dia 19 por noute fui á Bemposta, levando a S. M. o decreto da mesma data creando um fundo de

amortização: e quando elle acabou de assignar, eu que sabia da minha honrosa demissão, lhe disse: « Senhor, Deus sabe tudo, os homens nada sabem: e queira o mesmo Deus que V. M. tenha sempre, nos seus tempos felizes, homens que lhe digam a verdade com a mesma coragem com que eu a disse nos seus tempos desgraçados em defeza de V. M., e dos direitos dos homens.» S. M. ouviu com agrado; e como fôsse para assinar o decreto que me demittiu, eu, que estava sentado á direita, fui andando á roda da mesa para a esquerda, e quando elle acabou lhe dei muitos beijos na mão para indicar o meu agradecimento e prazer. Depois disse-lhe: « Estou sempre prompto para servir a V. M. em qualquer logar ou imprêgo, seja em Cabo-Verde ou na Europa, seja no mais elevado, ou em alcaide; mas como V. M. me admittiu no seu conselho, e n'elle me conserva, devo dizer a V. M. que nunca forme juizo de alguém pelo que lhe disserem, mas sim pelos factos que observar; que deixe a cada um as relações entre Deus e elle, porque só Deus póde ajuizar d'ellas; que premeie as virtudes e que puna os delictos segundo as próvas. Quanto a mim, servi com zêlo nos tempos constitucionaes, servirei com zêlo n'estes tempos, porque o homem de bem não cogita tanto da pessoa que governa, como do bem público, governe quem governar.» Então beijei a mão a S. M. e me retirei.

Nas últimas palavras d'este memorandum está consignada a profissão de fé politica de um homem que todavia mais serviços fez do que nenhum ao seu partido. Não sei como esse partido possa censurá-lo. Comprehando a accusação de revolucionario e de radical que lhe fazem outros; intendo que esses lhe chamem fanatico de liberdade e de liberalismo. E' certo que não declamava como Gracho; mas a lei agraria fel-a elle sem gritaria.

Fez bem, fez mal? — Não quero responder eu, e



sobre tudo aqui. Os factos fallarão, e ja vão fallando por si e por elle.

Não antecipemos.

Mousinho voltou ao seu antigo cargo da administração da alfandega, que serviu com novo zêlo e acrescentado proveito para a fazenda. Hourado do principe, respeitado na côrte, e geralmente estimado, ainda dos mesmos que, por mais facciosos e por adversos a seus principios politicos, o temiam, viveu tranquillamente todo o tempo que decorreu desde então até ao famoso mez de Abril de espantosa memoria.

Mas um homem que juntava, como elle, os dois imperdoaveis crimes de ser, ao mesmo tempo, liberal e amigo do rei, não podia deixar de ser proscripto pelos facinorosos da abrilada. Fiado em que não tinha culpas, em que se tinha reduzido á inactividade politica, elle esperava tranquillo em sua casa o desfecho da tempestade. Não tardou a apparecer-lhe um agente dos revolucionarios para o prender. E Mousinho resistiu, não se deu á prisão, protestando que sem licença do secretario d'estado não podia ser preso por seu privilegio de ministro honorario.

O magistrado que fazia a prisão hesitou, e cedeu por fim diante da energia e decisão que não esperava; mas depressa voltou armado da ordem da secretaria, porque um dos principaes conspiradores d'aquelle dia era o ministro do reino, e foi por tanto facil dar em nome d'el-rei todas as ordens que os facciosos queriam contra o rei e contra seus amigos.

Foi preso Mousinho, e permaneceu no castello até que, pôsto el-rei a salvo na nau ingleza Windsor-Castle, a conjuração deixou de ter objecto, os conjurados desanimaram; e restabelecido o predominio da ordem legal, Mousinho obteve, com as outras victimas designadas, a liberdade.

Immediatamente se apresentou a el-rei, que o recebeu com as mais vivas demonstrações de agrado e de consideração.

No resto de seu reinado, durante a regencia da Senhora Infanta D. Isabel, viveu quietamente.

Seus modos francos e originaes, a transcendencia de seu espirito e um honrado proceder lhe grangearam a amizade dos dous embaixadores que entre si dividiam toda a influencia da epocha e da situação. Com o de França, M. Hyde-de-Neuille, era íntima e cordial a sua amizade. Ao de Inglaterra, Sir W. Accourt (lord Heytesbury) não devia menor estima. N'este círculo diplomatico em que vivia se distinguiam tambem, entre outros, o barão de Palencia, ministro da Russia, e aquelle nosso bom, gallante e de tam saudosa memoria o cavalheiro Dalborgo, tantos annos encarregado de negocios de Dinamarca na nossa côrte, hoje residente na de Madrid, onde suas amaveis qualidades lhe obtiveram a mesma estima e affeição, e onde, pela generosidade com que, n'aquelle paiz classico das proscricções, estendeu a bandeira dos antigos reis dos máres sôbre tanta victima do fanatismo politico, mereceu quæ a rainha catholica o saudasse do bem avindo titulo de barão do Asylo.

Merece referir-se, porque melhor faz conhecer o homem e avaliar seu character, que, ao mesmo tempo que assim vivia com o corpo diplomatico e com as pessoas que então se podiam chamar do partido d'el-rei ou moderado, Mousinho conservava sempre suas antigas relações de amizade com muitos dos principaes influentes no partido retrogrado, das violencias, ou, para o definir melhor, do infante. Sua velha e constante amizade com a então omnipotente familia dos Guiões nunca foi alterada. Tampouco se mudou depois quando a fortuna a desamparou, e a maior parte dos outros amigos se lhe foi com ella.

Emfim, depois das longas e terriveis oscilações que fazem a palpitante historia dos cinco annos deccorridos de 23 a 28, Mousinho teve de emigrar; e lá foi confundir-se, no exilio, com todos os diversos matizes de côres politicas que expulsava da patria a pre-



dominante e intolerantissima bandeira vermelha da facção absolutista.

París, a patria commum, e a capital da Europa pela intelligencia, acolheu benignamente o illustre proscripto. Alli se fixou com sua familia, rodeado da sympathia dos muitos amigos que o souberam estimar e apreciar: sympathia que elle se fazia tymbre de apregoar, lhe não foi esteril nas horas da appertura. Sôbre todos principalmente se ligou com a familia Sampaio alli estabelecida, ramo da que tam conhecida e estimada é entre nós, bem como em Inglaterra. Ao chefe d'aquella familia, hoje fallecido, Antonio Sampaio, homem notavel, de conhecimentos e character não vulgares, deveu obrigações e favores que por toda a parte e com sua costumada franqueza ingrandecia sempre.

Assim viveu, feliz quanto um desterrado póde sê-lo, na grata conversação de bons amigos, e estudando practicamente as instituições e os homens, lendo bastante, meditando mais, e fazendo, á guiza de todos os emigrados, projecto sôbre projecto, plano sôbre plano. Dos seus porém deve dizer a justiça que nenhum era de ingrandecimento pessoal, que todos tinham por objecto a patria que devéras amou, e a liberdade da sua terra que sinceramente tinha no coração.

O soberano por cuja causa tanta e tam boa parte de um povo tinha sido obrigada a emigrar, não tardou a ver-se proscripto tambem, e a vir incontrar no exilio os que tanto tinham clamado por seu nome, e clamado em vão! — por que lhes acudisse.

Mas o surdo era o imperador do Brazil; e quem voltava á Europa era o duque de Bragança.

Este, apenas chegado, um dos primeiros portuguezes que chamou aos seus conselhos foi Mousiuho da Silveira; e apenas resolveu pôr-se á frente da causa portugueza, enviou-o á Inglaterra com amplos poderes para contrahir imprestimos, prometter recompensas, estipular e diligenciar quanto fôsse a bem da ex-

pedição que meditava contra o governo de Lisboa.

D'ahi a pouco, em 3 de março de 1832, foi nomeado ministro da fazenda de D. Pedro, que assumiu a regencia em nome de sua augusta filha, e interinamente encarregado da pasta da justiça.

A expedição, com o regente á testa, sahio de França a organizar-se nos Açores: e Mousinho, que inteiramente se tinha apoderado do ânimo de D. Pedro, aproveitou esta occasião unica, *certamente unica*, e é preciso, para ser justo e podêr avaliar devidamente as coisas, não esquecer a circumstancia — aproveitou, digo, aquella occasião certamente unica, para fazer aceitar e converter em leis as suas reformas radicaes e tremendas. Devemos confessá-lo: tremendas. Tremendas para todo o paiz a que se applicuem, por maiores que sejam os bens que d'ellas venham ou possam vir. Porque a terra, a indústria, a familia, a governação, a administração, toda em fim a constituição material e social do reino foi revolvida de alto a baixo por essas leis formidaveis que de uns escolhos negros de basalto do meio do Atlantico arremeçava sôbre a velha terra de Portugal o proscripto ministro do ex-imperador do Brazil.

Admiravel concurso de circumstancias, e que me parece não ter precedente na historia das nações! Um rei que abdicára duas coroas, que tinha abandonado a patria natural por outra de sua adopção; expulso agora da terra adoptiva e volvendo-se á que lhe dera o ser — e onde ao pé de seu berço tinha de vir achar tam precoce sepultura — um rei que, alterando o que se chamava a ordem legítima, tinha fundado um imperio no mundo republicano — esse mesmo rei, nos indecisos confins do oceano, entre a America donde sahia, e a Europa onde ainda não voltára, arrojava em seus decretos reaes, sôbre o antigo hemispherio monarchico, tam fortes germes de democracia que nenhum plebiscito votado nos mais turbulentos commi-  
cios populares os conteve ainda tam poderosos.



Isto fez D. Pedro duque de Bragança, ex-rei de Portugal, ex-imperador do Brázil, regente em nome da rainha D. Maria, sua augusta filha — nos Açores, e depois no Porto.

E em quanto seus outros ministros corriam com as difficuldades da diplomacia, da guerra — luctavam com o presente uma verdadeira lucta de gigantes — Mousinho pensava no futuro, e pela bôcca do principe cuja confiança alcançára, dava leis ao porvir.

Seja qual for o ponto de que se considerem, forme-se o conceito que se formar d'ellas, é inquestionavel que as leis de 16 de Maio, de 30 de Julho e de 13 de Agosto de 1832 são um grande monumento, são o termo onde verdadeiramente acaba o velho Portugal e de donde começa o novo.

Muito se tem feito — ou antes, muito se tem desfeito n'este paiz desde a restauração até hoje; mas os golpes cerceos no tronco velho e caduco foram aquelles. Se ha futuro para nós, ha-de vir por alli. N'outro não pensem, ninguem o espere que o não ha.

Amigo intimo, como fui, de Xavier Mousinho, sabido, como é, em Portugal de toda a gente, a larga cooperação que tive em seus trabalhos, devo n'este logar ao público, devo á sua memoria, e a mim mesmo, declarar solemnemente que muitas vezes discordámos, em muito ponto disputámos, e que no modo especialmente, nas questões de circumstancias e de tempo, nos detalhes de muita coisa eu fui quasi sempre vencido, não tanto pela auctoridade do logar, quanto pela da pessoa. A defferencia devida á idade, a serviços, a consideração tam superior me fizeram callar muitas vezes: — e d'isso me arrependo profundamente — quando era meu dever fallar, insistir — principalmente com um homem com quem a razão podia tanto e que não temia a verdade.

Deus sabe, e sabe muita gente n'esta terra que ha bastantes annos eu tenho andado a fazer *versiculos* — e *prosiculas* tambem — de que nunca revendiquei nem

revendicarei honras nem proveitos que outros se teem levado. Se faço aqui ésta declaração, é para que me não attribuam meritos que não tenho; e por me accusar de uma falta grave que commetti, especialmente na redacção da lei dos foraes que tantos males causou. Eu devia ter impenhado toda a amizade, toda a infinita consideração que devi ao illustre auctor d'aquelle memoravel plebiscito, para que a sua fórmula e sentença fossem elaboradas com uma clareza e individualização que realmente lhe faltam.

Outra consideração — e essa mais superior — convém fazer n'este logar. Da ordem de coisas, da ordem social, administrativa e economica que a dictadura de D. Pedro instituiu em Portugal sôbre as ruínas da antiga constituição do reino, aquellas leis não continham nem podiam conter senão as bases. Apenas as promulgou, Mousinho sahio do podêr, perdeu todo ascendente no ânimo do principe que a ellas ligou o seu nome; e não voltou mais a ter auctoridade nem influencia politica em Portugal. A sua obra, apenas esboçada, arrebataram-lha das mãos, foi intregue a outros, que pela maior parte a não intendiam, que a detestavam alguns, que a menosprezavam muitos, que a não seguiu, que não pôde, ou não soube ou não quiz seguir nenhum — nenhum sem excepção.

E' certo, sim; hoje nos achamos entre um passado impossivel depois d'aquellas leis — entre um futuro tremendo porque é obscuro, insondavel e de nenhum modo preparado — e com um presente tam absurdo, tam desconnexo, tam incongruente, tam chymérico, tam ridiculo emfim, que se a perspectiva não viesse, como vem, tam cheia de lagrymas, seria para rir e tripudiar de gôsto, ver como vivemos, como nos tributamos, como nos administramos, como somos em fim um povo, uma nação, um reino!

E vem, não ha duvida, directamente vem daquellas leis o nosso estado. Sim vem, porque a abolição dos foraes, a extincção dos dizimos, porque a divisão



da auctoridade fiscal, administrativa e judicial queriam outra ordem de politica, de govêrno, de tudo. Queriam emendas e melhoras progressivas no systema, queriam simplificadas as fórmas, queriam severidade na vigilancia, rigor nos methodos, e coherencia, sôbre tudo, mais que tudo, acima de tudo, coherencia, concordancia, logica e harmonia nos diversos ramos da governação do Estado. E nós temos andado ás apalpadellas na obscuridade, descrevendo o mais vicioso dos circulos, entre o velho e o novo, entre o Deuteronomio e o Evangelho; maus judeus e maus christãos, nem a circuncisão nem o baptismo nos salva.

Circumvagamos a aridez do deserto, corremos após miragem e miragem: — agua para ésta sêde não a ha, nem maná para ésta fome. Aarões, de má ou de boa fé, nos tiraram os anneis dos dedos, e as arrecadas das orelhas, para fazer bezeros de ouro, deante dos quaes nos prostrámos por nosso mal. — Mas dos erros em que, por éstas causas temos vagado no deserto das innovações, terá porventura a culpa o Moises que nos fez sahir do Egypto do antigo regimen, onde nos era impossivel demorar mais, que nos fez atravessar a pé inchuto o mar vermelho das guerras civis, que nos deu as tábuas da lei, que nos trouxe aos confins da terra promettida, e que cahiu de fadiga e cansaço antes de completar a sua obra?

D. Pedro IV e a sua Carta, D. Pedro regente e as suas leis não fizeram, não podiam fazer mais do que *proscreever o passado, e indicar o futuro*. Poder-se-ha dizer que fizeram de mais. Alguem o sustenta; e não questiono aqui a razão, nem a sinceridade, nem o desinterêsse com que o possam dizer. Que fizeram de menos: não pôde dizê-lo ninguem de boa fé.

Demorei-me n'estas considerações que parecerão graves e ponderosas de mais aos que esperassem ver, na biographia de um homem d'Estado, as pequenezes da existencia individual involvidas nos vãos franjados de

phrases academicas. Não sei como se isso faz, nem o faria quando soubesse.

No primeiro de Janeiro de 1833 Mousinho da Silveira foi demittido. Nas difficuldades em que se achou o thesouro do regente, era necessario recorrer a meios que elle não queria nem sabia adoptar. A sua demissão foi necessaria. Teem querido attribui-la a intrigas. Póde ser que as houvesse: mas é certo que não era com o rigor dos principios, que elle exaggerava até os extremos da innocencia, que o Porto podia ser salvo, nem fornecida a caixa militar da expedição.

Nomeado d'ahi a poucos dias director geral de todas as alfandegas do reino, obteve licença para ir a França; e deixou o Porto em Março de 33.

Em fins do anno seguinte voltou para Lisboa a exercer seu importante cargo, e a tomar assento na camara dos deputados pela sua provincia do Alemtejo.

Mousinho não era orador: todas as partes lhe faltavam para isso. Mas um homem de coração e de intelligencia, ainda que não brilhe na tribuna, marca sempre o seu logar n'essas grandes reuniões em que geralmente tudo é pequeno. Nas duas questões verdadeiramente graves que occuparam aquella assemblea, a das indemnisações e a dos bens nacionaes, distinguio-se pela strenua defesa da verdade e dos interesses publicos contra a cegueira das opiniões facciosas e contra a rapacidade dos interesses pessoaes.

Na questão das indemnisações triumphou a boa razão e a politica esclarecida; alguns oradores distinctos lhe deram seu apoio: e Portugal foi salvo de uma vergonha e de um flagello.

Com a dos bens nacionaes não houve tam feliz sorte. Malbaratados em desgraçadas vendas, quasi nada produziram para o Estado; e os impenhos da guerra da restauração, que Mousinho queria pagar com elles,ahi teem crescido de juros em juros, de fataes em fataes operações, até chegarem a ser, como hoje são, o pesadello de ferro d'este desgraçado paiz, que o não



deixa, nem deixará jamais acordar de seu torpor mortal. Porque, sue elle quanto sangue tem sob a pressão dos tributos, não dá nem pôde dar bastante para pagar os juros da dívida e acudir á despeza corrente.

Além de quê, e essa é a maior calamidade que que resultou de se não remir logo a dívida estrangeira com os bens nacionaes — Portugal não enviando so mercado exterior bastantes productos para ter alli valores com que suprir suas obrigações, é consequencia inevitavel ter de exportar numerario, com o que se desangra mais e mais, até chegar ao estado de consumpção em que o vemos, sem esperanza nem quasi possibilidade de remedio.

Com serem espantosas, são nada as miserias do thesouro, comparadas com a penuria e abjecção de um paiz que não pôde fazer vinte leguas de estrada, que não tem postas, que não tem um cannal, que não fez navegavel um só de seus rios, que não possuiue duas braças de carril de ferro, que não tem um barco de vapor para longa navegação.

E este paiz está na Europa, e situado, a respeito do mundo civilizado, em tal posição geographica, que podia ser o centro d'elle, — e Lisboa o emporio, a Constantinopla do mundo novo.

E que se esforça, em contínuas convulsões, a miseravel ambição de tanta gente para governar uma coisa que não tem, que não pôde ter, a que elles não querem, e sôbre tudo não sabem dar govêrno!

Mousinho commetteu o crime que eu não sei se commetti ja tambem — o crime que os Romanos puniam com tanto rigor: desesperou da causa da patria. Comprehando que em Roma — quando ella era aquella Roma cujo nome só ainda faz bater os corações — similhante crime fosse punido. Aqui, onde está a mão para se levantar e accusar? E quem — quem ousará sentar-se ao julgamento?

Pelos meados de 1836 a despondencia de ânimo em que se achava, fez com que Mousinho recusasse a

nomeação de par do reino que lhe foi offerecida pela administração Palmella. Erro ou acêrto, não acreditou que a instituição fôsse util nem sustentavel no estado do paiz — no estado em que elle, com seus decretos radicaes, tinha collocado o paiz: não quiz fazer parte d'ella.

Em breve appareceu a revolução de Septembro d'esse anno. Parecia que vinha dar-lhe razão: mas tambem não sympathisou com ella. Demittiu-se do seu cargo; e depois dos acontecimentos de Bellem, foi viver para França, onde residiu até que em 1839 a eleição da sua provincia o tornou a chamar á camara dos deputados.

Ja não era porê m o mesmo homem que nos voltava. Sem idade para estar velho, a molestia de figado que padecia, os trabalhos publicos, e desgostos particulares tambem, lhe tinham consummido a energia, e attenuado a lucidez de sua bella razão.

Assim explicámos todos os seus amigos ve-lo incon sideradamente involvido em questões de grande mas privado interêsse que não era o seu, e nas quaes, por cegueira de amizade, todavia se lançou além dos limites de sua habitual prudencia.

Pouco permaneceu na camara. Alli disse ainda algumas altas verdades, e fez algumas tremendas prophcias que o tempo se encarregou de realisar mais promptas e mais terriveis do que as elle presagiára.

Isto succedeu em 1840: e esse foi o seu último anno de vida pública. Os derradeiros nove de existencia quasi inteiramente os dedicou á sua familia e aos seus amigos: e ora em París ora em Lisboa, philosophando sempre, sempre occupado das mais transcendentés questões sociaes, não o mostrava todavia senão no estreito círculo de intimidade que se tinha feito, e do qual não sahia.

Os males da sua terra sentia-os com verdadeiro coração de Portuguez. Nenhum com mais sinceras e piedosas lagrymas assistiu a este spectaculo horrendo e



vergonhoso que estamos presencendo de ver cahir em desprezada e desprezível caducidade a nossa infeliz terra.

A cada escarneo do estrangeiro, a cada mofa dos indifferentes, a cada uma das brutaes risadas com que celebram as pequices indecentes d'esta pobre velha patria, na estulta simplicidade de sua segunda infancia, elle sentia rasgar-se-lhe as intranhas, e toda a antiga energia de sua alma acordava do apparente lethargo. Então rompia n'aquellas exclamações tam originaes e tam vivas que tantas vezes lhe ouvimos e que recordaremos para sempre todos os seus amigos: porque realmente foi unico e admiravel este homem no modo original de expressar seus pensamentos, assim como na filiação muitas vezes obscura, mas sempre logica de suas profundas ideas. Filiação, que, se me permittem a phrase, direi que as mais das vezes era *cryptogamica*, por difficil e inredada de seguir, mas legitima sempre, e nunca hybrida, nunca abastardeada pelo sophisma nem adulterada por especiosidades seductoras.

Dias antes de fallecer, e quando todos o julgavamos no seu ordinario estado de saude, elle sentiu e guardou comsigo o aviso íntimo da proximidade da morte. Fez testamento em que se despediu de sua familia e de seus amigos, mas principalmente de seu filho unico e adorado, joven das maiores esperanças a cuja perfeita educação tinha consagrado o melhor de seus cuidados e de seu haver.

N'esse testamento, original como tudo o que era seu, e obscuro por allusões de que a ninguem deu a chave, mandou que o seu corpo fôsse transportado á ilha do Corvo para alli ser sepultado, e que ao parocho d'aquella ilha se dêsse d'esmola uma peça de ouro (valor actual de 8:000) com a effigie do Sr. rei D. João VI.

A pequena ilha do Corvo, a mais occidental e a mais insignificante dos Açores é um escolho no meio

do Atlantico, notavel pelas tradições fabulosas que de sua conformação se inventaram no principio de nossas viagens e descubertas em que o espirito aventureiro e romanesco de nossos avós tudo poetizava.

E que bem se sabiam, e que bem de cousas grandes faziam com suas poesias aquella gente de altos pensamentos e ousadas emprezas! A descarnada razão material dos netos faz as sordidas chatezas que vemos:

« Não vive só de pão o homem ». Hei-de morrer com ésta teima: precisa de alimento o espirito, precisa o coração: e não são os *mercieiros* que lh'o podem dar; não é sob o reinado dos que compram e vendem, não é sob o regimen do covado e da balança que uma nação póde ser grande nem feliz.

Mercadora foi Carthago, e foi depois Florença e foi Veneza; mercadora é Inglaterra, e mercadores fomos nós nos tempos de nossa glória; mas republica de chatins nem monarchia de chatins não ha.

Que será onde tudo o que é nobre, grande, generoso, illustre, capaz de pensar alto e de sentir elevada é feito illota na sua terra, para haver de servir, — povo e nobreza, illustração e saber — escravos infeitados de meia duzia de « *argentarios* » obscuros que inriqueceram da substancia pública e insultam ás misérias que causaram! . . .

O Corvo é um pequeno rochedo de basalto, nos intersticios de cujas pedras negras crescem, pelas fendas vulcanicas, abundantes pastos verdejando sempre com a humidade da atmosphaera, e na feracidade prodigiosa d'aquella pouca mas preciosissima terra vegetal que mantem a perpétua primavera dos Açores.

Alli, até 1823 viviam ignorantes do mundo, e tambem ignorados d'elle, e de tudo, senão das más leis que os opprimiam, não chega a cem collonos que pasciam seus gados, espremiavam seus queijos e tosquiavam suas lans. Mas não para si o faziam os infelizes, porque em tudo e por tudo dependiam do senhor donatario cujos eram, elles e seu ganhado e suas hervas e seus



rochedos. Auctoridade pública que os protegesse, não a tinham; juiz que lhes fizesse direito, não o havia em seu ilheu; recurso de qualquer vexame, só para o juiz-de-fóra quando o havia na ilha das Flores, que o mais do tempo lá não estava. Não formavam concelho, não tinham municipalidade; não entravam na antiga constituição da monarchia; da nova se lá tinha chegado a nome, era para lhes dizer que elles eram os ultimos desherdados filhos d'esta mãe patria, sempre má e esquecida mãe.

Em fim em 1832 houve um ministro portuguez que attentou no que era essa pobre ilhasita, que se condoeu de sua triste condição e quiz que o nome do principe libertador ahi ficasse bemditto para sempre. A carta de alforria da ilha do Corvo foi assignada na de S. Miguel a 14 de Maio d'aquelle anno. Mousinho propoz, D. Pedro accitou o benefico decreto da redempção da *ultima Thule* portugueza. Ja os navios da expedição estavam de vêrga d'alto, ja o vento da liberdade fazia tremular a bandeira azul e branca. Esta foi das últimas, das menos extensivas providencias, mas não das menos bellas com que Mousinho illustrou o nome do seu principe e o seu.

Lembra-me como se fôra hoje esse dia 14 de Maio — vi-o sahir triumphante do despacho como se trouxesse para si — como outro traria para si — um ducado. O imperador surriu de o ver tam feliz do que a outros parecia tam pouca coisa. Fazer homens, fazer cidadãos cem illotas do Corvo!

Que miseria para homens d'Estado!

D. Pedro não era d'esses homens d'Estado felizmente — nem o seu ministro.

Toda a vida Mousinho se recordou com a mais pura satisfação d'este dia em que resgatou os seus cem homens do Corvo. E quando antes de partirmos para o continente uma deputação d'aquella pequena ilha veio agradecer ao imperador e ao ministro o immenso beneficio que receberam, com as lagrymas nos olhos e

cheio de justa uffania se deixou abraçar pelos deputados e os abraçou.

Era para ficar n'alma — de quem a tenha de homem — uma impressão d'esta ordem. Não se lhe apagou nunca a elle: e nas últimas horas da vida lhe appareceu consoladora a imagem verdejante da sua ilha.

Creram os antigos que as sanctas almas de Harmodio e Aristogiton foram habitar a eterna primavera das ilhas affortunadas. Mousinho não podia crer que a sua alma tivesse de ir senão reunir-se a Deus na eternidade; mas quiz que o seu corpo fôsse repousar na ilha do Corvo e dissolver-se alli nos elementos por que se renova a natureza.

Lá receberão e darão piedosa sepultura a seus ossos aquella boa e singela gente: e que lhe gravem n'esse último rochedo que sobreviveu á destruição da Atlantida um sincero epithaphio de agradecimento e saudade.

Não o saberá Portugal talvez: e é melhor.













